



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**

**DENISE ANDRADE RODRIGUES MENDES**

Eu e quem mais?  
As relações interpessoais no mundo da imagem virtual

**Brasília**

**2012**

**DENISE ANDRADE RODRIGUES MENDES**

**Eu e quem mais?**  
**As relações interpessoais no mundo da imagem virtual**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências de Educação e Saúde como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Tunes

**Brasília**  
**2012**

Mendes, Denise Andrade Rodrigues

Eu e quem mais? As relações interpessoais no mundo da imagem virtual / Denise Andrade Rodrigues Mendes – Brasília, 2012.

63p.: il.; 31 cm

Monografia – UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, 2012.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Tunes

## **BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elizabeth Tunes

---

M<sup>a</sup>. Carla Francini Hidalgo Terci

---

M<sup>a</sup>. Ingrid Lilian Fuhr Raad

---

*D*edico este trabalho ao  
Américo, o grande amor da  
minha vida, que todos os dias me  
inspira com sua determinação e  
sucesso que alcança em tudo o  
que faz.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, AMÉRICO,  
por seu precioso apoio, que possibilitou minha dedicação integral na  
consolidação deste sonho.

Às minhas filhas, LAÍS, RAQUEL e LUÍZA,  
que todos os dias me motivam a ser uma pessoa melhor.

Aos meus *filhos*, SAULO e HUGO,  
por tornarem nossa família ainda mais unida e feliz.

À minha neta, BEATRIZ, nossa doce BIBI,  
por ter renovado minhas esperanças e meu desejo de um mundo  
melhor.

À minha *irmã* MARLY,  
por seu amor e sua disponibilidade incondicionais em todos os  
momentos.

Aos meus pais, DEJACYR e DEYSE,  
por nunca terem desistido de acreditar em mim.

À BETH,  
por todas as lições que me ensinou e me ensina, principalmente  
aquelas das entrelinhas, pelo seu olhar tranquilo e sereno e pela  
atitude impecavelmente cortês com a qual conduziu a orientação  
desse trabalho.

A todos os meus familiares,  
que de uma maneira ou outra ofereceram seu apoio e torcem  
sempre pelo meu sucesso nesse novo caminho.

A todas as colegas e aos colegas dessa caminhada,  
que se tornaram minhas amigas e meus amigos da vida inteira.

Em especial à minha grande amiga KAREN CRISTINE,  
parceira e companheira de todas as horas, que me incentivou a ir  
sempre em frente e tantas lições me ensinou e me ensina.

A todos os meus professores e minhas professoras,  
que contribuíram não só para meu aprendizado como aluna, mas  
também, para meu crescimento como pessoa.



Uma imagem fala mais que mil palavras.

**Millôr Fernandes**



## RESUMO

O presente trabalho teve o propósito de estudar relações interpessoais estabelecidas ou mantidas no contexto virtual, que fossem significativas do ponto de vista de seus protagonistas. Com base nos conceitos de Martin Buber, investigou-se a ocorrência da relação dialógica nesses relacionamentos virtuais e quais as condições para que isso acontecesse. Para tanto, primeiramente levantaram-se as características fundamentais da relação dialógica de Buber. Em seguida, foram entrevistados cinco *Internautas*, entre 25 e 62 anos de idade, com vivências de relacionamentos virtuais significativos. Essas entrevistas foram realizadas com o formato de perguntas abertas, cujas repostas basearam o levantamento de palavras-chave, posteriormente organizadas em sete categorias. Os relatos mais significativos foram agrupados segundo as categorias levantadas e depois analisados, levando-se em consideração as características fundamentais da relação dialógica. Conclui-se que o contexto virtual não só possibilita a modalidade relacional dialógica, como também apresenta peculiaridades que podem favorecer sua ocorrência.

**Palavras-chave:** Imagem virtual; Contexto virtual; *Internet*; Relacionamento virtual; Relação dialógica.

## SUMÁRIO

<b>1 O ponto de partida</b>	<b>9</b>
<b>2 Os pingos nos “is”</b>	<b>11</b>
2.1 Da virtualidade	11
2.1.1 O mundo da imagem virtual	11
2.1.2 A imagem virtual, virtualmente distinta	16
2.1.3 Imagem e magia	17
2.1.4 O tempo e os limites da virtualidade	20
2.2 Das relações humanas	22
2.2.1 Homem, ser de relação	22
2.2.2 Caiu na rede, é <i>Internauta</i>	27
<b>3 O X da questão</b>	<b>30</b>
3.1 As interrogações	30
3.2 De onde vim e para onde vou	30
<b>4 Mãos à obra</b>	<b>32</b>
4.1 Como investigar	32
4.1.1 Encontro	32
4.1.2 Inteiraça	32
4.1.3 Presença	33
4.1.4 Reciprocidade	33
4.1.5 Autenticidade	33
4.2 Os <i>Internautas</i> participantes	34
4.3 A sondagem	35
<b>5 Jogando os dados</b>	<b>37</b>
5.1 Sondagem seletiva, com ênfase nas afinidades	38
5.2 Desconstrução espacial e de convenções sociais e culturais	45
5.3 Otimização do tempo	48
5.4 Disponibilidade pessoal	51
5.5 Reciprocidade	54
5.6 Autenticidade	54
5.7 Estágios ou níveis relacionais	56
<b>6 Aonde é que isso vai dar...</b>	<b>59</b>
<b>Referências</b>	<b>63</b>



## O PONTO DE PARTIDA

Toda produção de conhecimento parte, invariavelmente, de um interesse primordial, que mobiliza uma pessoa ou um grupo a estudar, pesquisar ou investigar determinado tema. No meu caso, desde o interesse pela própria Psicologia, é a mãe que sou e aquela que procuro ser que desperta grande parte da minha *curiosidade científica*. É na relação com minhas filhas que surgem alguns dos meus mais autênticos interesses. E não foi diferente desta vez.

Em meu contexto familiar, sempre tivemos acesso às tecnologias de ponta, especialmente no que se refere à Tecnologia da Informação (TI), já que meu marido é profissional dessa área. Celulares, computadores de mesa, computadores portáteis, e outros dispositivos móveis, como *tablets*, *i-pods* e tudo mais que se associe a tais equipamentos, desde que eram lançados no mercado, passaram a fazer parte do nosso universo doméstico. De minhas três filhas, as duas mais velhas, nascidas na década de 1980, tiveram acesso progressivo aos videogames e a outras tecnologias associadas à televisão e ao computador, dois dos equipamentos mais populares que utilizam e veiculam a imagem virtual em grande escala. Porém, a terceira filha, por ter nascido no final da década de 1990, início da era da *Internet*, conheceu, desde muito cedo, a rede mundial de computadores, com pleno acesso a todas as tecnologias disponíveis no Brasil naquele momento.



**Figura 1** – Acesso precoce à tecnologia



A partir de então, tenho refletido sobre os possíveis efeitos que as atividades com imagens virtuais podem ter no desenvolvimento infantil e na constituição dos sujeitos. Baseada em minha própria experiência, as crianças de classe média de hoje crescem em frente à televisão e ao computador, os quais costumam centralizar as atenções nos ambientes domésticos.

Se antes a televisão agregava a família em torno de si, atualmente é comum observar, em um mesmo ambiente, várias pessoas em frente aos seus próprios equipamentos, *navegando* pela rede de computadores (*Internet*), cada uma delas mergulhada em seu espaço virtual. Muitas vezes, em minha casa, deparei-me com todos completamente alheios aos demais à sua volta, cada qual fixado a seu universo particular. Essa cena, desde sempre, tem provocado em mim uma intensa inquietação. Algumas vezes, posso até mesmo dizer que me senti angustiada, tamanha a resistência de cada pessoa em sair dessa dimensão virtual, à qual, de certa forma, parecia irremediavelmente presa.

É, portanto, dessas vivências e desses sentimentos, que nasceu o interesse pelo presente estudo, cujo objetivo foi o de estudar relacionamentos virtuais considerados significativos por seus protagonistas, a fim de investigar essa significância sob a ótica da relação dialógica do filósofo Martin Buber. Também procurei identificar em que condições esses relacionamentos ocorreram no contexto virtual. Para tal, realizei entrevistas abertas com cinco *Internautas* que vivenciaram experiências relacionais importantes.



## 2 OS PINGOS NOS “IS”

### 2.1 Da virtualidade

#### 2.1.1 O mundo da imagem virtual

O contexto cultural contemporâneo tem sido invadido pela imagem técnica (imagem virtual) e sua configuração depende, cada vez mais, dessa tecnologia. Começando pela fotografia, que ganhou movimento no cinema, a imagem técnica conquistou o ambiente privado por meio da televisão, hoje facilmente encontrada em qualquer ambiente doméstico no Brasil. Atualmente, segunda década do século XXI, a imagem virtual estende-se à telefonia, aos computadores, dispositivos móveis, caixas eletrônicos, *outdoors* eletrônicos e muitos outros canais, em todos os campos da atividade humana. É cada vez mais comum ver as pessoas sentadas umas junto às outras, sem se olharem ou conversarem, com o olhar fixo nos próprios telefones celulares, conectadas a algum tipo de imagem virtual (Figuras 2 a 8). Por exemplo, ao entrar em um *coffee shop* americano, no meio da tarde, é possível encontrar um ambiente onde o silêncio prevalece e pessoas solitárias encontram-se sentadas à mesa com seu café, talvez um pedaço de torta, mas certamente com os olhos fixos em seus *smartphones*, *tablets*, *netbooks* ou *laptops*, fones nos ouvidos e dedos ágeis nos teclados. Como bem disse Flusser (2008, p. 127):

Creio que o método mais acessível para intuirmos a situação dos nossos netos é o de procurar captar o fascínio crescente que emana dos terminais. Os nossos netos serão gente que fitará terminais, portanto gente fascinada.

Um *coffee shop* é uma espécie de cafeteria, com poltronas, cadeiras e mesas, na qual se servem tortas, cafés, achocolatados, chás e outras bebidas não



alcoólicas. Ali, as pessoas podem sentar-se para tomar uma bebida, fazer um lanche e, eventualmente, “conectar-se”. Se, décadas atrás, esse era um espaço destinado a encontrar pessoas face a face, conversar, trocar experiências, flertar, fazer novas amizades ou simplesmente saborear um café, depois do advento da *Internet* transformou-se num lugar onde é possível conectar-se ao mundo virtual: um cenário contraditório de hiperconectividade, no qual pessoas aparentemente desconectadas umas das outras parecem mergulhar em suas *telas mágicas* (Figura 2).



Fonte: Albertuni (2012)

**Figura 2** – *Coffee Shop* em Nova Iorque

Na cena flagrada na fotografia, podemos observar pelo menos quatro pessoas conectadas a aparelhos. Uma delas, de frente à janela, observa a rua, enquanto seu acompanhante tem os olhos fixos num *laptop*.

As evidências permitem pensar que a hiperconectividade parece ampliar cada vez mais os seus limites e condições. Que tal, por exemplo, chamar os amigos para assistir a um bom jogo de futebol? (Figura 3).



Fonte: Internet

**Figura 3** – Torcida em estádio de futebol

Ou, talvez, fazer um passeio pelo parque mais próximo.



Fonte: Internet

**Figura 4** – Amigos no banco da praça



Depois, poderíamos estender a confraternização para um restaurante.



Fonte: Internet

**Figura 5** – Pausa para lanchar...

Mas, às vezes, só um passeio de carro com os amigos já faz o dia valer a pena.



Fonte: Internet

**Figura 6** – Saindo para passear com os colegas



Quem sabe um passeio cultural em companhia dos amigos também possa salvar o dia.



Fonte: Internet

**Figura 7** – Visita ao museu

Mas, se nada disso for possível, sempre se pode contar com os amigos mais chegados para um encontro casual.



Fonte: Internet

**Figura 8** – Lanchinho da tarde

Assim como nessas imagens, quando nos deparamos com pessoas conectadas aos seus aparelhos – olhares fixos – temos a sensação de que o mundo físico ao seu redor simplesmente desaparece. Da mesma forma, as pessoas de seu entorno físico, tornam-se invisíveis diante da hiperconectividade. Vide vídeo ilustrativo disponível na *Internet*, intitulado *Disconnect to connect, ou Desconecte-se para conectar-se* (DTAC, 2010).

### 2.1.2 A imagem virtual, virtualmente distinta

As **imagens tradicionais** são superfícies elaboradas com base na abstração de volumes, subtraindo-se uma das três dimensões, a profundidade; o artista parte da tridimensionalidade para a bidimensionalidade, já que o objeto concreto é retratado em largura (comprimento) e altura. A **imagem virtual**, por sua vez, é construída com pontos, o que significa dizer que toma forma na zerodimensionalidade, já que o ponto é desprovido de altura, comprimento e profundidade.

Ainda com referência à ontologia das imagens tradicional e virtual, outra diferença fundamental entre ambas consiste em seu processo de elaboração. Enquanto a imagem tradicional é produzida diretamente pelo homem, que a pensa, projeta e realiza, a imagem virtual é produzida pelo aparelho que, por sua vez, é programado pelo homem para que a produza. Entretanto, depois de programado o aparelho, para produzir as imagens virtuais é necessário ainda que o operador desse aparelho aperte seus botões ou suas teclas.

Um exemplo bastante ilustrativo e original de aparelhos produtores de imagem técnica é a câmera fotográfica. Mesmo em se tratando de um modelo analógico, depois de enquadrar o objeto da foto e seu ângulo de preferência, por meio da lente do aparelho, o fotógrafo irá tão somente apertar botões e girar anéis para ajustar a velocidade da abertura do obturador, de acordo com entrada de luz desejada, ajustar foco, aumentar ou diminuir a aproximação (*zoom*) etc.. O que se passa no interior do aparelho, no entanto, já foi previamente programado, e seu

programa define o limite da ação – a *limit-ação* – do operador da câmera: nosso fotógrafo. Ele escolherá o objeto, o ângulo, a velocidade do obturador, mas sempre de acordo com aquilo que o aparelho lhe permita. E, ainda assim, o aparelho produzirá a imagem.

... a fotografia. Quem predomina na sua produção: o fotógrafo ou o aparelho? Obviamente, a resposta adequada à situação é esta: o fotógrafo funciona em função do aparelho, o aparelho, em função do fotógrafo, e ambos são funções da produção de fotografias (FLUSSER, 2008, p. 130).

Da mesma forma, todas as imagens técnicas são produzidas por aparelhos que, após serem devidamente programados e operados, geram essas imagens mediante o toque do operador (jogador) na tecla do aparelho, num esforço digital. Atualmente, em alguns casos, nem é preciso apertar teclas. Basta um comando de voz e a *mágica* se faz na tela do aparelho.

### 2.1.3 Imagem e magia

Antes que houvesse escrita, a imagem tradicional correspondia ao entendimento da verdade, já que não podia ser decodificada, mas tão somente percebida. Não havia como decodificar a imagem produzida, explicá-la em palavras e contextualizá-la. A imagem não era passível de tradução, mas de aceitação.

Com o advento da escrita, o ser humano desenvolveu a capacidade de criar símbolos que codificaram sua oralidade e usar esses símbolos na decodificação das imagens. Assim, a imagem passou a ser decodificada pelo texto, o que suprimiu mais uma dimensão na representação humana, pois a imagem bidimensional passou a ser “traduzida” pelo texto linear. O que antes era representado por altura e comprimento passou a ser representado apenas pelo comprimento da linha, na forma de texto. Em decorrência disso, o texto *desmagicizou* a imagem tradicional, o que provocou uma grande revolução cultural, que se consolidou com a invenção da prensa e da publicação de obras em série.

Nos dias de hoje, deparamo-nos com outra revolução cultural, de outra



monta, bem mais ágil e abrangente. Segundo Flusser (2008), as imagens técnicas passam a carregar as linhas de uma magia ainda mais poderosa, cujo alcance domina cada vez mais não só o conhecimento, mas todos os espaços, de maneira generalizada.

Isso pode ser constatado em uma grande variedade de exemplos, desde a simples fotografia de uma cena doméstica aos imensos outdoors à margem de ruas e estradas, seja nas imagens televisivas ou nos caixas eletrônicos, nas intercomunicações com vídeo ou nas informações veiculadas na *Internet* com a instantaneidade de um apertar de teclas e assim por diante.

De forma muito peculiar, esse mundo das imagens técnicas pode ser comparado ao mundo monástico ou pré-escolástico, anterior ao século XII. Naquela época, o conhecimento e as mensagens pictóricas difundidos por imagens tradicionais, em igrejas e outros espaços públicos, encontravam-se acessíveis a qualquer pessoa que tivesse contato com elas, sem a necessidade de escolarização ou instrução para decodificá-las. Da mesma forma, muitas imagens virtuais que veiculam informações e algumas que veiculam conhecimento dispensam instrução especializada, pelo fato de requererem um simples apertar de teclas para chegar ao público ou, muitas vezes, nem isso (Figura 9).



Fonte: Internet

**Figura 9** – Imagens virtuais e seus respectivos aparelhos produtores

Como bem articula Flusser (2008), o modo de construção das imagens faz a grande diferença entre esses dois mundos historicamente tão distantes. Antes



da era escolástica e, portanto, do texto como se conhece hoje, a transmissão de conhecimento e valores era feita, como já comentado, por meio das imagens tradicionais. Pintores tinham seu trabalho contratado a fim de transmitir mensagens inteiras num quadro ou numa parede, em forma de afrescos. Essa tradição perdura até os dias de hoje, com muros inteiros grafitados e murais pintados por artistas profissionais e amadores, transmitindo as mais variadas mensagens a quem os observa.

Desse modo, a partir do século XII, quando as ideias passaram a ser elaboradas em textos escritos em linha unidimensional e com as palavras organizadas sequencialmente em uma dada estrutura lógica, as imagens tradicionais provocavam um efeito que as valorizava sobremaneira, conferindo-lhes um certo *encantamento*, que se pode nomear de *idolatria*.

Mais tarde, quando de fato instaurou-se o texto, o impacto de sua lógica linear veio desmágicizar a imagem tradicional que, até então, reinava absoluta. Assim, o texto veio desbancar a *idolatria* que imperava antes da era escolástica. O acesso à informação e ao conhecimento, então codificados e organizados, não dependia mais da imagem tradicional, mas sim da capacidade de decodificação da escrita. Em decorrência disso, com o passar do tempo, a importância do texto gradativamente promoveu uma *textolatria*. Isso se deu não só pela necessidade de aprendizado da leitura, mas também, porque tanto a leitura como a escrita passaram a funcionar como marcadores de conhecimento formal, já que apenas pessoas letradas tinham acesso ao conhecimento veiculado pela escrita. A palavra escrita, portanto, adquiriu status de conhecimento, enquanto a autoria de certos textos confirmava a intelectualidade de uns poucos. A partir daí, o texto passou a representar a verdade sobre as coisas e a garantia de acesso ao conhecimento.

Até os dias de hoje, podemos encontrar exemplos desse efeito causado pelo texto. Um texto técnico, por exemplo, traz em si a representação de que somente as pessoas capacitadas para decodificá-lo sejam detentoras daquele saber específico. Portanto, quando não se pode decodificar o texto, tende-se a valorizá-lo mais, como se este representasse a verdade em si mesmo.

Segundo Flusser (2008), a imagem virtual também cumpriu um papel

semelhante ao do texto, já que veio desmágicizar a linha e disseminar uma magia ainda mais poderosa do que aquela que envolvia o texto. A leitura da imagem sobrepõe-se à leitura do texto linear, que fica em segundo plano, sendo preciso apenas ser capaz de apertar botões.

Esse encantamento que envolve a imagem técnica, do qual nos fala Flusser (2008), parece não ser difícil de captar no brilho dos olhos fixos dos operadores dos aparelhos: jogadores e apertadores de teclas do nosso mundo contemporâneo (Figura 10).



Fonte: Internet

**Figura 10** – Exemplos de jogadores *encantados*

Emerge, assim, outro patamar de encantamento, de magia, que faz com que *desapareça* o mundo concreto que circunda o operador.

#### 2.1.4 O tempo e os limites da virtualidade

Outra repercussão da imagem virtual consiste no descarte do tempo histórico na direção do espetáculo atemporal, já que “os atos não mais se dirigem





contra o mundo a fim de modificá-lo, mas sim contra a imagem, a fim de modificar e programar o receptor da imagem” (FLUSSER, 2008, p. 59). Desse modo, tudo passa pela possibilidade de repetição, esvaziando o sentido histórico do tempo que, por isso mesmo, perde sua relevância. Assim, o evento (qualquer evento) torna-se programável, invertendo a lógica do tempo e descartando a história, em prol do espetáculo promovido pela imagem virtual.

A *virtualidade* da imagem técnica encontra-se, portanto, não no seu caráter ilusório, mas nas infinitas possibilidades para as quais abre nossa visão de mundo. Ou seja, a imagem virtual, muito mais do que um mundo imaginário apresenta-se como um mundo possível, pelo seu potencial de transformar as próprias ações humanas na direção de sua virtualidade. Por isso, Flusser (2008) nos brinda com a constatação, agora óbvia, de que quanto menos provável uma dada imagem virtual, mais informativa ela será e mais possibilidade de inovação trará. E é aí mesmo que tem origem o seu “elogio à virtualidade”. Portanto, diferentemente das imagens tradicionais, as imagens técnicas já não se ocupam em traduzir o mundo, mas em inventar a possibilidade de mundos improváveis.

Nesse contexto, mergulhado em ambientes virtuais, o homem contemporâneo é motivo de séria reflexão de Flusser (2008), quando defende a necessidade de uma filosofia atualizada, que considere a nova e perigosa situação relacional em que esse homem se encontra. Ele traz à tona o papel do homem em frente à tela, o *jogador*, absorto pelo encantamento da imagem e por sua instantaneidade, bem como pelas possibilidades aparentemente infinitas do aparelho que ele pensa comandar.

O filósofo Vilém Flusser (2008) revela a limitação do aparelho e do jogador – operador do aparelho, apertador de teclas –, assim como a circularidade entre a imagem e o homem. O jogador é limitado pela capacidade do aparelho que, por sua vez, não é capaz de extrapolar o programa que o faz funcionar. Os programadores, de outro lado, elaboram o programa que faz o aparelho funcionar, mas de tal maneira que o próprio programa se autoatualize à medida que o jogador faça uso dele. Da mesma forma circular, imagem e homem se autodeterminam, numa retroalimentação atualizadora de ambos.



... movimento circular (...), graças ao qual as imagens alimentam os homens para serem por eles realimentadas e para engordarem sempre mais durante o processo... (FLUSSER, 2008, p. 56).

As imagens apanham os nossos gestos graças a determinados aparelhos (câmeras, *marketing*, pesquisas de 'opinião pública') e os transcodificam em programas: nutrem-se de gestos que elas próprias provocaram. Essa circulação entre a imagem e o homem forma um círculo de aperfeiçoamento automático. As imagens se tornam sempre mais 'fiéis' (mostram como nos comportamos efetivamente) e nós nos tornamos sempre mais 'fiéis' às imagens (comportamo-nos efetivamente conforme o programa). (...) Imagens mostram determinados comportamentos (amorosos, consumidores) os quais querem que sigamos, e nós queremos segui-los e queremos também que as imagens os mostrem (FLUSSER, 2008, p. 60-61).

## 2.2 Das relações humanas

### 2.2.1 Homem, ser de relação

Ao refletir sobre as relações no mundo contemporâneo e questionar aquelas que se dão por intermédio de ferramentas virtuais, devo esclarecer em que concepção baseiam-se minhas ideias. Quando falo de relações, refiro-me à concepção descrita por Martin Buber (2006). Segundo esse filósofo, as relações estruturam-se no que ele chamou de *palavras fundantes Eu-Tu* e *Eu-Isso*. Estas, ao serem proferidas, fundamentam as relações do homem com o mundo.

Para Buber (2006), não existe o *Eu* por si só. O *Eu* tem caráter fundamentalmente relacional e requer a relação com um *Outro* e com o mundo para constituir-se. “Não há *Eu* em si, mas apenas o *Eu* da palavra princípio *Eu-Tu* e o *Eu* da palavra princípio *Eu-Isso*.” (BUBER, 2006, p. 51).

Segundo Buber (2006), em sua inteireza, o *Eu* começa a constituir-se na relação com o outro. Contudo, isso somente se dá mediante a constatação de sua separação do outro como um *Tu* para o *Eu*. É nesse processo que o *Eu* realmente emerge, porque é dessa forma que ele se torna um *Tu* para o outro, enquanto o outro se apresenta como um *Tu* para ele. Somente com essa separação fundamental é que o *Eu* se percebe inserido em seu meio e começa vivenciar a





objetividade do mundo que o rodeia.

... no momento em que o Eu da relação se põe em evidência e se tornou existente na sua separação, ele se dilui e se funcionaliza de um modo estranho, no fato natural do corpo que se distingue do seu meio ambiente e deste modo descobre a egoidade (BUBER, 2006, p. 65).

O homem se torna Eu na relação com o Tu. O face a face aparece e se desvanece, os eventos de relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do Eu se esclarece, aumenta cada vez mais. De fato, ainda ela aparece somente envolta na trama das relações, na relação com o Tu, como consciência gradativa daquilo que tende para o Tu sem ser ainda o Tu. Mas essa consciência do Eu emerge com força crescente, até que, um dado momento, a ligação se desfaz e o próprio Eu se encontra, por um instante, diante de si, separado, como se fosse um Tu, para tão logo retomar a posse de si e daí em diante, no seu estado de ser consciente, entrar em relações (BUBER, 2006, p. 68).

Buber considera como relação *Eu-Tu* aquela que ocorre face a face, no encontro autêntico com o outro, na presença do outro como um *Tu* e na presença do *Eu* como um *Tu* para o outro. Para isso, é preciso que o outro deixe de ser um *Isso*, que deixe de servir aos propósitos do *Eu*. O outro é acolhido em sua alteridade, a qual, sem a consideração de qualquer expectativa do *Eu* em relação a esse outro, torna-o simplesmente *Tu*.

Assim, ele faz uma distinção fundamental entre as duas modalidades de relação. A relação inaugurada pela palavra fundante *Eu-Tu* implica dois seres relacionando-se em sua inteireza, de modo que o *Eu* seja um *Tu* para o outro e que o outro seja um *Tu* para o *Eu*. Segundo a reflexão de Buber (2006), existem duas condições fundamentais para que ocorra essa modalidade dialógica de relação e que possibilitariam o encontro autêntico entre dois seres: reciprocidade e presença.

Por outro lado, uma relação que ocorra sob a palavra fundante *Eu-Isso* propicia que o *Eu* experiencie o mundo e, portanto, é também fundamental para a sobrevivência do homem, pois o instrumentaliza para a vida. Nesse tipo de relação, o *Outro* serve a algum propósito para o *Eu* e, por isso, tem status de *Isso* para o *Eu*. “O mundo como experiência diz respeito à palavra princípio *Eu-Isso*. A palavra princípio *Eu-Tu* fundamenta o mundo da relação.” (BUBER, 2006, p.53). Para exemplificar: se estou com o outro para que ele me faça feliz, trata-se de uma



relação *Eu-Isso*, na qual eu espero que o outro sirva ao meu propósito de “ser feliz”. Nesse caso, o *Eu* assume a direção da relação e experiencia o outro, com suas características próprias e baseado nas expectativas que nutre em relação a esse outro.

Em contrapartida, nos momentos de *relação Eu-Tu*, o *Eu* se entrega como um *Tu* ao outro que, reciprocamente, se entrega como um *Tu* ao *Eu*.

Eu não experiencio o homem a quem digo Tu. Eu entro em relação com ele no santuário da palavra princípio. Somente quando saio daí posso experienciá-lo novamente. A experiência é distanciamento do Tu (BUBER, 2006, p. 55).

É na relação *Eu-Tu* que ocorre o encontro entre dois seres, cada qual inteiro ali, naquele momento, um para o outro. Já não é um ou outro que importa, mas o que ocorre *entre* os dois seres.

Porém, e para alívio de todos nós, Buber (2006, p. 61) afirma que é inevitável e fundamental a relação com o outro de ambas as maneiras, alternadamente:

... a grande melancolia de nosso destino é que cada Tu em nosso mundo deve tornar-se irremediavelmente um Isso. Por mais exclusiva que tenha sido a sua presença na relação imediata, tão logo esta tenha deixado de atuar ou tenha sido impregnada por meios, o Tu se torna um objeto entre objetos, talvez o mais nobre, mas ainda um deles, submisso à medida e à limitação.

Então, enquanto a relação *Eu-Isso* nos garante a sobrevivência e a experimentação objetiva do mundo em que vivemos, a relação *Eu-Tu* inaugura nossa humanidade, pois promove a oportunidade de estar com o outro de maneira plena, no êxtase do encontro, da presença, da reciprocidade autêntica do face a face. “A relação com o Tu é imediata. Entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia” (BUBER, 2006, p. 57).

Quando, diante do outro, profere-se a palavra fundante *Eu-Tu*, “ele não é uma qualidade, um modo de ser, experienciável, descritível, um feixe flácido de qualidades definidas. Ele é Tu, sem limites, sem costuras, preenchendo todo o

horizonte" (BUBER, 2006, p. 55).

Quando, diante do outro, profere-se a palavra fundante *Eu-Isso*, "posso extrair a cor de seus cabelos, o matiz de suas palavras ou de sua bondade; devo fazer isso sem cessar, porém ele já não é mais meu Tu" (BUBER, 2006, p. 55).

No entanto, embora a relação *Eu-Isso* seja também fundamental para a vida humana, a relação *Eu-Tu* promove o sentido da vida do homem entre os homens. Por isso, Bartholo (2001, p. 89) afirma:

A comunidade, para Buber, é o lugar por excelência de afirmação da vida, não apenas fundada em instrumentalidade, interesses e poderes. Ela é o lugar do diálogo e dos encontros, onde as pessoas tem o Eu-Tu – e não o Eu-Isso – como horizonte maior de possibilidade de suas relações.

Partindo, então, desses conceitos buberianos e da reflexão sobre eles, penso sobre as possíveis relações proporcionadas pelos aparelhos produtores da imagem técnica. Além disso, considero a condição relacional e fundamental do homem, que se constitui socialmente na *relação* com o Outro, seu *Tu* ou seu *Isso*.

Na ótica de Buber (2006), minha angústia diante da hiperconectividade faz muito sentido, pois, para ele, "o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem" (BUBER, 2006, p. 72).

Seria possível, então, proferir a palavra Eu-Tu no mundo da virtualidade?

De acordo com Buber (2006, p. 74), "a capacidade de experimentação e de utilização se desenvolve no homem frequentemente em detrimento de sua força de relação...". Ora, se as relações virtuais estiverem restritas à experimentação do mundo valendo-se da palavra fundante *Eu-Isso*, não seria a imagem técnica um instrumento de distanciamento da palavra fundante *Eu-Tu* e, conseqüentemente, de distanciamento do homem de sua vocação relacional primordial?

Ao mesmo tempo em que o sujeito informatizado encontra-se o tempo todo conectado às redes virtuais de relacionamento, seja de modo interativo ou não, suas relações interpessoais diretas podem tornar-se cada vez mais escassas ou mesmo serem relegadas a um segundo plano.

Segundo Flusser (2008), a continuarmos no ritmo de dependência tecnológica em que nos encontramos, pode instaurar-se um caos tamanho, que os



homens ficariam reduzidos a meros jogadores de seus aparelhos. Utilizando-me dos conceitos de Buber (2006), traduziria esse caos referido por Flusser (2008) como a perda da capacidade de pronunciar a palavra fundante *Eu-Tu*. Ou seja, as ideias desses dois autores convergem para o mesmo ponto: o risco de nos perdermos em um mergulho sem volta num mundo virtual irreversível, diante da incapacidade de proferirmos a palavra *Eu-Tu*, o que desumanizaria as relações de maneira irreparável.

Uma projeção dessa realidade foi retratada no filme americano de animação WALL-E, de Andrew Stanton, com produção de Jim Morris, lançado em 2008 (Figura 11).



Fonte: Internet

**Figura 11** – Cartaz do filme Wall-E

O filme retrata a vida das pessoas dentro de setecentos anos: sentadas o tempo todo em aparelhos móveis, com seus corpos atrofiados pela falta de movimento, completamente conectadas à imagem virtual e totalmente alheias a tudo o que se passa à sua volta. Todas as atividades e funções humanas são, então, controladas por uma central cibernética, numa comunidade espacial artificial, que sobrevive longe do planeta Terra, devastado pela poluição e infestado por poluentes que impossibilitam a sobrevivência de seres humanos. Qualquer semelhança entre a realidade virtual retratada no filme e as palavras de Flusser (2008, p. 127), certamente não se trata de mera coincidência:

Por certo nossos netos continuarão mamíferos e como tal terão 'necessidades biológicas' demandando satisfação, sobretudo terão de procriar e de se alimentar. Mas tudo isto se reduzirá ao mínimo e será devidamente robotizado. A procriação se



desligará da libido, automatizada com *gadgets* do tipo 'banco de espermas' e 'incubadeiras'. A alimentação será sintética e automaticamente administrada. (...) Essa gente emancipada em alto grau da sua condição mamífera, de corpo atrofiado, será possuída por avidez insaciável (se incorpórea) e viverá aventuras imaginárias sempre renovadas.

Nessa animação, as pessoas vivem uma vida absolutamente virtual, mergulhadas num sonho, sem questionar as imagens virtuais: apenas mergulham nela, como se mergulha num sonho, num mundo ontologicamente modificado, sem precedente igual:

O que mais me impressiona nessa emergência de nova espécie de 'homem' não é tanto a superação de toda ética e política, mas sobretudo a superação de toda ontologia. Quero dizer: as imagens técnicas que serão o universo habitado por nossos netos excluem perguntas do tipo: 'são elas verdadeiras ou falsas?', 'são elas autênticas ou artificiais?', e, sobretudo, 'o que significam?'. Se a condição econômica e sexual for empurrada rumo ao horizonte (e não reprimida rumo a alguma profundidade reconhecida como inexistente) e se o homem se emancipar para a informação e a libido 'puras', toda ontologia se evapora. As imagens técnicas são sonhos que excluem toda interpretação de sonhos, já que nada há a não ser sonhos: *we are made on such stuff dreams are made on*. (...) O que importa é distinguir entre imagens pouco informativas e muito informativas – 'estética pura' (FLUSSER, 2008, p. 128).

### 2.2.2 Caiu na rede, é *Internauta*

O primeiro tipo de relacionamento virtual surgiu logo depois do aparecimento da *Internet*, no início da década de 1990. Dava-se por correio eletrônico, hoje chamado popularmente por seu nome em inglês, *e-mail* (versão abreviada de *electronic mail*), que em princípio acelerou a troca de arquivos entre seus usuários, aumentando a velocidade da comunicação e dispensando o uso de papel e de intermediários no processo. Para utilizar o correio eletrônico (*e-mail*), bastava saber o endereço eletrônico (*e-address*) do destinatário. Embora essa ferramenta tenha criado uma revolução nos meios de comunicação, ainda não acontecia em tempo real (OLIVEIRA, 2012).

Com a expansão da *Internet*, tornou-se necessária a criação de outras



ferramentas de comunicação, que fossem mais abrangentes e permitissem a ampliação das redes de contatos, facilitando o repasse das mensagens de modo a possibilitar comunicação em tempo real.

Segundo Oliveira (2012), a AOL (*America On Line*), um dos primeiros provedores de *Internet*, foi uma das pioneiras no lançamento de sua ferramenta na categoria bate-papo, o *AOL Messenger*. A partir de então, passou a ser possível a troca de mensagens instantâneas entre *Internautas* que estivessem simultaneamente conectados. No início, o uso desse serviço ficava restrito aos assinantes dos provedores, mas, mesmo assim, as mensagens instantâneas se popularizaram.

Ainda em 1997, criou-se a *Sixdegress*, primeira rede social com perfil virtual e inovação da publicação dos contatos de cada usuário (OLIVEIRA, 2012). Essa nova ferramenta permitia, então, a visualização de perfis de terceiros e, com base nesse novo modelo, muitas outras redes sociais virtuais foram lançadas.

Oliveira (2012) afirma que, em 2002, a rede social *Friendster* estimulava a criação de laços entre *Internautas* com interesses comuns e conquistou a adesão de muitos *Internautas* (um em cada cento e vinte e seis) e chegou a registrar mais de três milhões de usuários cadastrados, embora apresentasse ainda muitos problemas técnicos.

A essas redes sociais seguiram-se: o *My Space* (em 2003), uma versão atualizada do *Friendster*; o *LinkedIn* – a rede social dos empresários (em 2003), focada na comunicação empresarial; a *Web 2.0* (em 2004), que inaugurou uma nova geração de comunidade virtual; o *Orkut* (em 2004), com muito sucesso nos Estados Unidos, no Brasil e na Índia, apresentando alto índice de interação entre os usuários; o *Facebook* (em 2004), inicialmente projetado para a comunidade discente de Harvard e, em 2006, expandido para quaisquer usuários com mais de 13 anos; o *Twitter* (em 2006), com velocidade diferenciada na troca de informações e, mais recentemente, o *Google+* (em 2011), com a ideia de permitir uma interação mais seletiva, por círculos de amizade (OLIVEIRA, 2012).

Atualmente, as mídias sociais são acessadas por *Internautas* de todas as idades e empresas, no mundo todo, e desempenham um papel fundamental como



ferramenta de comunicação em tempo real. Por intermédio dessas redes sociais, é possível entrar em contato com grupos de interesse em comum, fazer amizades virtuais, criar grupos restritos para troca de informações, pleitear emprego etc.

As redes sociais virtuais configuram-se como uma poderosa ferramenta relacional, colocando pessoas em contato e também mantendo em contato pessoas ou grupos com algum vínculo estabelecido presencialmente, possibilitando a atualização de informações, a programação de eventos e utilizando, de outras variadas formas, essa nova modalidade de interação social.



O pano de fundo para o presente trabalho consiste na cultura emergente da imagem técnica e dos aparelhos que a reproduzem, bem como nas relações interpessoais possibilitadas pela tecnologia da informação e o significado social dessas relações na sociedade contemporânea.

### 3.1 As interrogações

Pode a cultura emergente da imagem virtual propiciar novas modalidades relacionais?

Qual(is) seria(m) a(s) finalidade(s) das relações puramente virtuais?

Teriam essas relações caráter meramente informativo?

Qual o significado social dessas relações na sociedade contemporânea?

Haveria possibilidade de um encontro *Eu-Tu* numa relação virtual? Em caso afirmativo, a presença virtual seria suficiente para a ocorrência do encontro autêntico entre duas pessoas?

### 3.2 De onde vim e para onde vou

Presumiu-se que as relações estabelecidas virtualmente possuísem caráter meramente informativo e não se destinassem à criação de vínculo, pois ao relacionar-se virtualmente, o operador do aparelho profere a palavra fundante *Eu-Isso*, já que o encontro virtual não acontece casualmente como num esbarrar de ombros.

Embora a relação virtual passe primordialmente pela experiência do outro, este estudo propôs-se a investigar suas possibilidades de culminância na direção de





uma relação dialógica, de um encontro autêntico. Tendo sido confirmadas tais possibilidades, quais seriam as condições necessárias para que tal encontro acontecesse no contexto virtual? O contexto virtual seria apenas um ponto de partida?

Portanto, este trabalho pretendeu investigar se os relacionamentos virtuais podiam tornar-se relações dialógicas e em que condições isso se dava. Além disso, também foi investigada a possibilidade de ocorrência de novas modalidades relacionais propiciadas pelo contexto virtual.



#### **4.1 Como investigar**

Por meio de indicações, entrevistei *Internautas* que haviam consolidado relacionamentos significativos no contexto virtual. A significância foi determinada com base no ponto de vista dos próprios entrevistados.

Em seguida, esses relacionamentos foram analisados segundo algumas características das relações dialógicas. Para isso, foram levantadas as características fundamentais das relações dialógicas, segundo os conceitos buberianos, que consistem em encontro, inteireza, presença, reciprocidade e autenticidade, conforme descritas a seguir:

##### **4.1.1 Encontro**

Na ocorrência de uma relação dialógica, o foco não está na outra pessoa, mas sim no “entre”, na relação que se estabelece entre as duas pessoas. Esse encontro é casual: sem planejamento, programação ou propósito definido a priori. Um encontro que simplesmente acontece, sem nada ser possível esperar dele. Duas pessoas que se esbarram e se entregam uma para a outra. É nesse tipo de encontro que o ser se constitui humano. Assim, o encontro que promove a relação dialógica é o mesmo que demarca a fronteira da humanidade.

##### **4.1.2 Inteireza**

Duas pessoas inteiras, distintas, simplesmente sendo e deixando ser. As



duas pessoas não são metades de um todo, mas cada uma é um todo, relacionando-se com outro todo. Cada pessoa torna-se o suporte para a alteridade, de modo que cada uma retira suas demandas e expectativas para que o outro emergja como um Tu. Um não espera nada do outro. A alteridade é preservada e priorizada pela pessoa envolvida na relação dialógica e simplesmente emerge no encontro entre ambas.

#### **4.1.3 Presença**

Na relação dialógica, as duas pessoas estão ali, naquele momento. Tudo o que importa é o “aqui e agora”. Não existem as dimensões retrospectiva ou prospectiva do tempo, pois não se considera passado ou futuro. Existe tão somente aquele momento em que ocorre o encontro. O entorno desaparece. Tempo e espaço congelam-se no êxtase do encontro.

#### **4.1.4 Reciprocidade**

A relação dialógica implica na entrega sem reservas ao outro, diante da entrega igualmente sem reservas do outro. É nesse sentido que ocorre a reciprocidade. A entrega acontece na reciprocidade das pessoas que se encontram.

#### **4.1.5 Autenticidade**

Uma vez que ocorra uma relação dialógica, ela é marcada pelo caráter único e irreproduzível de cada encontro, em seu momento exato. A autenticidade também permeia as próprias pessoas engajadas nesse encontro dialógico, já que não necessitam de máscaras ou personas para relacionarem-se entre si. As pessoas engajadas nessa modalidade de relação não precisam abdicar de suas especificidades: são o que são e simplesmente se encontram.



Depois de identificar essas características da relação dialógica nos relacionamentos virtuais estudados, a análise dos dados evoluiu no sentido de investigar em que ponto tais relações tornaram-se significativas e quais tinham sido as condições **em que** ou **para que** isso ocorresse.

Para tanto, o passo seguinte à coleta de dados foi o de identificar as principais categorias comuns aos relacionamentos relatados pelas pessoas entrevistadas. Feito isso, propôs-se uma analogia entre as características das relações dialógicas e as categorias identificadas nas relações pesquisadas junto aos participantes.

Durante este estudo, também foi investigada a possibilidade de novas categorias relacionais que fossem particularmente propiciadas pelo contexto virtual.

#### **4.2 Os *Internautas* participantes**

Primeiramente, foram entrevistados S, homem, de 26 anos, e R, mulher, de 25 anos, casados há três anos. Eles souberam um do outro pela *Internet*, conheceram-se pessoalmente e, logo depois, separados fisicamente por um ano e sete meses, mantiveram seu relacionamento por intermédio da comunicação em plataformas virtuais variadas e algumas visitas presenciais esporádicas. O casal foi entrevistado separadamente, em datas diferentes e nenhum deles teve acesso ao resultado da entrevista do outro.

A entrevista seguinte foi realizada com CB, mulher, de 44 anos. Ela estabeleceu um forte vínculo com uma amiga, por meio do *Facebook*. Segundo CB, o vínculo formou-se plenamente durante as trocas virtuais, antes mesmo do contato telefônico e dos encontros presenciais. A amizade prevalece, sendo atualmente cultivada virtual e presencialmente e, segundo o relato da entrevistada, é de grande relevância em sua vida.

A quarta entrevista foi realizada com L, homem, de 62 anos, indicado por CB, que também o conheceu por meio do *Facebook*, plataforma da preferência de L. Ele relata que em um ano estabeleceu em torno de quinze relacionamentos significativos, os quais têm cultivado virtual e presencialmente e também por



contatos telefônicos. De vez em quando, L promove confraternizações presenciais entre amigos virtuais e pode-se dizer que exerce o papel de agregador junto a esses grupos que reuniu em torno de seu perfil virtual.

A quinta entrevistada foi C, mulher, de 52 anos. Sua experiência relacional virtual teve início na plataforma de um jogo virtual, na eventualidade de uma condição clínica que a deixou acamada por alguns meses. Nessa plataforma, ela conheceu duas outras jogadoras, com quem estabeleceu relacionamentos virtuais significativos. Mais tarde, com o fim dessa plataforma específica, C criou um perfil no *Orkut* e, depois, no *Facebook*, no qual permanece até hoje. Com uma das amigas significativas, ela mantém contatos virtuais, telefônicos e presenciais. A segunda amiga não acessa outras plataformas da rede de computadores, mas mantém contato telefônico, embora não tenha tido a oportunidade do encontro presencial com C e a outra amiga. As três mantêm o vínculo de amizade entre si.

Todas as entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, em datas e horários escolhidos de acordo com a conveniência de cada um. Depois disso, os relatos foram transcritos na íntegra, com algumas alterações e omissões necessárias, para que as identidades dos entrevistados e das pessoas por eles citadas não fossem reveladas.

### 4.3 A sondagem

A entrevista aberta procurou abordar os questionamentos que se seguem, além de explorar o próprio relato dos entrevistados. Essas questões nem sempre foram feitas de modo direto ou literal. Ao final de cada entrevista, pediu-se licença para verificar se todos os pontos de interesse tinham sido contemplados, os quais estão demonstrados pelas perguntas a seguir.

1. Qual o seu principal canal de comunicação virtual?
2. Há quanto tempo você se dedica aos relacionamentos virtuais?
3. Fale um pouco desses (desse) relacionamentos (relacionamento) virtuais (virtual)?



4. Quantos desses relacionamentos virtuais você considera significativos? Por quê?
5. Quais os elementos comuns a esses relacionamentos considerados significativos?
6. O que você considera essencial para que um relacionamento seja significativo?
7. Como você acredita que o vínculo tenha sido formado nessas relações significativas?
8. Houve necessidade do encontro presencial para que o vínculo acontecesse? Por quê?
9. Como você pensa que a *Internet* contribuiu para que esses relacionamentos significativos ocorressem?



Os dados coletados foram analisados de modo a identificar pontos comuns entre os relacionamentos virtuais estudados e depois organizados sob o prisma das sete categorias levantadas. Inicialmente, esses pontos comuns perfizeram um total de onze itens, a saber: sondagem, seletividade, ênfase nas afinidades, tempo diferenciado, mitigação de barreiras culturais e sociais, desconstrução espacial, sensação de proximidade, disponibilidade pessoal, reciprocidade, autenticidade, estágios relacionais.

Ao aprofundar a análise, os onze pontos comuns identificados foram agrupados em sete categorias, nomeadas do seguinte modo:

1. Sondagem seletiva, com ênfase nas afinidades
2. Desconstrução espacial e de barreiras sociais e culturais
3. Otimização do tempo
4. Disponibilidade pessoal
5. Reciprocidade
6. Autenticidade
7. Estágios ou níveis relacionais

Cada uma dessas categorias encontra-se descrita a seguir, com algumas palavras-chave em **negrito**, e as citações das entrevistas foram distribuídas de acordo com essa categorização, de modo a facilitar a visualização da análise realizada.

Ao estabelecer categorias comuns aos relacionamentos estudados, pretendeu-se demonstrar algumas peculiaridades das relações no contexto virtual e analisar de que modo tais peculiaridades poderiam refletir na modalidade relacional estabelecida entre seus protagonistas virtuais.



### 5.1 Sondagem seletiva, com ênfase nas afinidades

No mundo virtual, uma pessoa pode sondar as outras, mesmo passando despercebida, antes de investir num relacionamento virtual ou pedir para ser *adicionada* a um determinado grupo virtual. Dessa maneira, o operador tem a possibilidade de buscar **afinidades**, interesses comuns, posturas e disponibilidades de pessoas com quem pretenda relacionar-se, o que pode despertar o interesse em conhecê-las melhor. Esse recurso propicia a quebra de resistências para o encontro, possibilitando uma abertura maior na direção daquele que se encontra do outro lado da tela. Para isso, podem ser criados perfis virtuais diversificados, com diferentes finalidades e propósitos, em **várias plataformas virtuais**, como redes sociais, *sites* de jogos, *chats* e outros. Grupos virtuais podem formar-se em torno de afinidades pessoais, temas específicos, vínculos prévios ao contexto virtual e interesses profissionais ou pessoais, sejam eles coletivos ou privados. Essa **autonomia seletiva** do operador do aparelho, característica marcante dos relacionamentos virtuais, dá a ele a condição de *excluir* as pessoas que considere menos afins, assim como manter-se conectado a pessoas com quem acredite compartilhar mais afinidades e, também, convidar novos “amigos virtuais”, com os quais julgue ter mais afinidades ou interesses em comum consigo. É perfeitamente viável e desejável que o operador selecione as pessoas com quem pretende se relacionar, de acordo com seus próprios interesses, assim como simplesmente *exclua* ou bloqueie virtualmente os contatos e comentários que considere indesejáveis. Note-se, também, que a formação de vínculos virtuais parece estar associada aos interesses afins entre as pessoas que se conectam pela rede virtual.

Em algumas falas de CB, por exemplo, pode-se observar seus primeiros movimentos de **sondagem** sobre sua amiga, a princípio, apenas virtual:

*...ela sempre colocava coisas muito bonitas, eu via os trabalhos dela, mas eu nunca comentava nada, porque eu não conhecia.*

*Aí, eu disse assim pra ela 'eu jamais iria rir do seu sonho , né, independentemente do que fosse'. (...) E ela começou a me responder e nós começamos a trocar muitas mensagens. E aí foi fortalecendo esse vínculo, pois ela tem um filho que mora aqui em Brasília. E aí eu fui*





*sabendo um pouco da vida dela, ela foi sabendo da minha...*

*Ela já era uma pessoa que me chamava a atenção, porque ela já tinha essa amizade virtual com a minha cunhada e eu achava muito interessante os trabalhos que ela fazia e as coisas que ela comentava... A forma dela comentar... Ao mesmo tempo que ela é engraçada... Ela tem um certo senso de humor, né?... que eu não vejo isso em mim... Então eu acho engraçado quando o outro tem um senso de humor inteligente. Uma pessoa que, embora não escolarizada, muito culta e que escreve muito bem e muito sensível. Então, eu achava divertido... a forma como ela colocava, já me chamava a atenção. Eu acho que eu já estava assim, né?... Toda vez que ela comentava alguma coisa no mural da minha cunhada, ou a minha cunhada comentava no dela e aparecia pra mim, eu achava a forma de comunicação dela muito divertida.*

*Então, sempre nos posts dela, ela colocava alguma coisa assim e eu pensava "Putz, que interessante! Que legal!", né? Então, foi isso. Foi isso que me chamou a atenção. (...) Saía daquela coisa tão igual, né?... pasteurizada.*

A entrevistada R também relata como **sondou** seu amigo virtual, que mais tarde tornou-se seu marido:

*Então, antes de conhecer o S pessoalmente, eu já sabia da existência dele e até tinha conversado com ele pela Internet, porque ele era amigo da minha irmã. Ele tinha um blog com os amigos dele e eu lia o blog de vez em quando e eu até já tinha uma simpatia por ele, pelas coisas que ele escrevia. Eram três amigos no blog e ele era o que eu gostava mais de ler, assim... do blog. Era só falando sobre a vida, sobre as coisas que aconteceram...*

Para L, a **sondagem** virtual parece funcionar como uma atividade essencial em sua abertura para relacionamentos virtuais. Também é possível notar um nítido interesse em melhor conhecer pessoas com possíveis afinidades comuns:

*Ué, que interessante aqui. Essa pessoa está me dizendo alguma coisa que eu gostaria de ouvir e sobre a qual eu gostaria de conversar, assim, num canto de uma sala, ou, sabe, trocar ideias de uma forma mais íntima... Será que nós batemos a mesma perspectiva em relação a esse assunto que tá abordado no texto? Ou seja, encontrei uma afinidade que me chamou a atenção e eu gostaria de saber como me aproximar daquela pessoa.*

*Primeiro o que é um amigo. Segundo: existem amigos de verdade,*



*autênticos? E eu mesmo gosto de provocar esse tipo de discussão no Facebook. Outro dia eu fiz um post sobre isso, falando sobre a amizade. (...) Eu coloquei os meus conceitos de amizade e deixei no final uma pergunta: "Será que existe amizade verdadeira? Eu gostaria que você me desse a sua visão pessoal." Aí chove... Porque não tem graça nenhuma você impor aquilo que você pensa. É preciso você puxar a continuidade do seu pensamento, não é? São técnicas também de aproximação. Eu te cutuca, você me cutuca e assim a coisa vai indo (risos). Eu estou provocando você a me dar uma resposta. Você pode passar batido: "Ah, não me interessa esse negócio". Mas pode despertar sua atenção.*

*Eu gosto de ficar presente quando alguma pessoa envia alguma coisa pra mim, porque na hora você começa um bate-papo. E você tem surpresas admiráveis quando as pessoas estão online.*

*Trocando dois ou três comentários com uma pessoa, eu já tenho mais ou menos desenhado um painel, de se vale a pena ou não investir numa amizade virtual com essa pessoa que, provavelmente, pode render uma amizade verdadeira, né?*

*Dependendo do tempo que você passa nesse "vamo que vamo, vamo que vamo, vamo que vamo" do conhecimento virtual... Pode levar meses essa sondagem mútua, não é? Pode levar meses isso, não é coisa assim... de semanas.*

*O virtual te dá a vantagem de você poder investigar essa pessoa todos os dias... todos os dias.*

Para a entrevistada C, é bastante claro o **potencial seletivo** do contexto virtual. Assim como é possível *excluir* e *bloquear* contatos indesejáveis, também pode-se ser *excluído* pelo outro, sem prejuízo algum, recursos bastante utilizados nessa **sondagem** inicial:

*... Quando você publica, você tem três configurações: você pode publicar de uma forma pública, pra qualquer um ver, amigo de amigo, ou só pra amigo.*

*Eu até já vi, por exemplo, que às vezes surgem pessoas com interesse. Vejo, tal... Mas eu não tenho muita paciência, né? Eu vou. Quando eu conheço um pouquinho assim, troco algumas mensagens, mas nada que desperte em mim isso.*

*Aí, as pessoas desse jogo começaram a pegar o MSN umas das outras e começaram a conversar. E nesse jogo eu fiz bons amigos virtuais... duas amigas: uma mora em Cuiabá, a L1, e a outra que mora em Curitiba, a L2.*



*Mas quem é que é meu amigo no Facebook? Meus parentes – só tenho uns duzentos amigos, duzentos e trinta – os parentes, os amigos de Brasília... São poucos – eu não tenho muitos amigos não – e o pessoal do jogo...*

*Aí, às vezes, você conhece outras pessoas também, aí você também percebe que aquela pessoa não gostou muito de você. Aí você vê: não, ela vai ser uma amizade só de Facebook... Por quê? Porque ela gosta do que eu posto, acha interessante, não sei (...) mas pessoalmente não deu certo, não teve química de amizade.*

*Eu falava “ela só conversa comigo quando eu estou com você no MSN. Se eu estiver sozinha, ela não me chama pra conversar. Então, ela não gostou da minha conversa, ou ela não gostou da minha pessoa, né?”*

*... Eu tenho alguns amigos que, não sei por que, os amigos deles querem ser meus amigos. Eu fico assim “como assim? Eu não conheço essa pessoa. Por que que essa pessoa quer ser minha amiga? Pra colecionar amigo?” Às vezes, eu até adiciono. Aí, quando eu vejo que não... é mais uma pessoa que gosta de adicionar amigo... (...) Às vezes eu adiciono só pra ser educadinha e mais tarde excluo, quando eu vejo que não acontece nada, não se relaciona, não conversa, não comenta. Então...*

*Eu descobri que tem um grupo, na Internet, do meu serviço (...) São cento e trinta e oito pessoas. Por quê? Pessoas que se aposentaram e não querem perder o contato com os colegas de trabalho. Então, volta e meia entra lá e “Gente, vamos se reunir [sic] daqui a três semanas em tal lugar, tal hora, um almoço? O que vocês acham?” Aí vai chamando os outros.*

No relato de L, fica clara a **ênfase nas afinidades** para selecionar prováveis amigos:

*Algun interesse em comum, né? Sim. Se tem, você vai aceitar a minha amizade, senão, “até logo, LC. Não vi nada em você que me agrade”, entendeu? (...) “Vou partir pra outro.” Então, é basicamente isso: as pessoas, no Facebook, elas se reúnem, formam seus próprios núcleos de interesse.*

*Porque, na verdade, é isso que te proporciona o Facebook. Gostei, não gostei. Não quero, não quero. Ou quero. Sabe? Não me interessa, me interessa. Vou investir, não vou investir.*

*E, pra minha sorte, eu tenho várias pessoas potencialmente amigas “desde criancinha” e é fabuloso, porque eu me permito agora acompanhar essas pessoas que eu elegi como as minhas futuras amigas. Eu acho que serão... ao ponto de marcar presença num primeiro encontro, num café, num telefonema e depois o presencial. E são pepitas que você vai tirando de um rol imenso de bobagens, de besteiras, de muita coisa que rola ali.*



*Eu invisto em pessoas que querem sair da concha, sabe, e participar da celebração que é a vida. E o Facebook, quando você está com as pessoas certas, é uma grande celebração da vida.*

Pode-se dizer que a relação de S com R também se baseou, inicialmente, em alguns **interesses** surgidos via *Internet*:

*... Eu só conhecia a L [irmã de R], nem sabia que ela tinha irmã... (...) Aí, a L já estava morando nos Estados Unidos e, na Internet, eu descobri que a L tinha uma irmã. E aí eu vi fotos, Fotolog... Na época, a gente tinha os Fotologs, que divulgavam as fotos, o princípio da rede social [virtual], né?*

*Foi em fevereiro, mais ou menos, que eu vi a primeira foto da R. (...) E aí, na época, eu não estava namorando e eu achei ela superlinda, superinteressante, mas só através de foto.*

*Aí, a gente começou a conversar pela Internet. A gente trocou MSN na época, eu acho, e a gente ficou conversando um tempo. (...) Mas eu não lembro exatamente sobre o que era, mas era uma coisa muito simples, sobre Arte, porque ela sempre estava pintando e tinha umas fotos no Fotolog, e a gente já começou a se conhecer.*

No relato de CB, **interesses** específicos e posturas afins apresentam-se como elo fundamental para essa relação significativa, estabelecida por meio de uma rede social virtual:

*Eu acho que tem muita afinidade. Eu acho que nós tivemos estilos de vida diferentes. (...) ela nasceu numa família com uma situação mais difícil, (...) a profissão que ela escolheu é uma profissão que, financeiramente, o retorno é menor... Mas eu acredito que, naquilo que é fundamental na vida, né, na crença no ser humano, gostar de lidar com as verdades ou de ser capaz de expressar os sentimentos, sei lá... de não gostar de fofoca, de não gostar de exposição... eu acho que, nisso, a gente é muito parecida, né?... existe muita afinidade.*

*E, de repente, a gente descobriu uma afinidade também, pela arte, né? (...) Ela um dia colocou uma poesia... São essas coisas que me tocam mais no Facebook... Ela colocou uma poesia, aí eu fiz um comentário da poesia dela. Aí, ela disse que tinha feito uma releitura dos quadros de um artista quando ela estava na faculdade, né? Eu pedi pra ela “ah, então coloca a releitura dos quadros que você fez aí, pra eu ver, né? Ela falou “ah, eu tenho vergonha”. “Então manda pra mim!” Aí, ela me mandou. Aí, eu peguei e devolvi, dizendo o que eu tinha achado da pintura dela, né?*



Trechos do relato de C também revelam a importância da identificação de **afinidades** para o estabelecimento de relações virtuais significativas:

*Já tinha o vínculo, porque pelos comentários que se fazia no jogo, coisas em comum que estava se falando, a gente via que pensava igual: as pessoas com a cabeça um pouco mais aberta, sem preconceitos, que se discute um pouco de tudo. (...) Você tem que ter coisa em comum com a pessoa. (...) A mesma opinião, a mesma maneira de pensar, e ver se bate, se os anjos da guarda se entendem, né? É isso só. Senão, não dá certo.*

Para R, as **afinidades** identificadas num nível mais profundo, também foram essenciais para a formação do vínculo:

*Não é coisa física. Mas eu acho que foi, realmente, construído esse vínculo, porque a gente viu que a gente tinha ideias muito parecidas de vida, de... de... Até de moral, sabe? Do que é que é certo, o que é errado, sabe? A gente tinha isso muito congruente. Assim... Visão de vida, o que é certo, o que é errado, coisas de justiça mesmo. A percepção de mundo mesmo... Era muito próximo, era muito parecido.*

Pelo relato de C, pode-se constatar que a sondagem seletiva conta com **diversas plataformas virtuais**, mesmo aquelas originalmente destinadas para outros fins:

*E eu gostava de jogar Mahjong, aí eu descobri um site que tem o Mahjong, mas tinha no Multiplayer. Então, o que era? Era o tabuleiro do Mahjong, pra você jogar e, embaixo, a conversa das pessoas que estavam jogando.*

*E nessa brincadeira, sempre as outras amigas primeiro, foram para o Facebook e chamaram "vem pro Facebook!". Mas insistiram tanto, que eu entrei. Aí, eu achei melhor que o Orkut... Aí, o que eu fiz? Tranquei o Orkut, fechei a conta lá, e no Facebook eu ainda fiquei conhecendo mais pessoas.*

Quando R fala das **variadas plataformas virtuais**, nos dá uma ideia das inúmeras possibilidades de comunicação pela *Internet* que, hoje, com os dispositivos



móveis, estão cada vez mais acessíveis aos *Internautas*. Isso também amplia o leque de possibilidades de sondagem:

*Se você não divulgar o link, só as pessoas que te conhecem que vão encontrar o blog, entendeu? Porque é uma coisa muito específica.*

*E aí, eu também tinha um blog, que falava sobre a minha vida nos Estados Unidos.*

*E aí a gente conversou um pouco pelo MSN, pelo chat, né?*

*Mas uma coisa interessante, que eu pensei agora, é que, por exemplo, quando a gente estava se vendo na câmera, a gente tinha a possibilidade de ficar só olhando. Não é que a conversa se esgotava, mas que a gente podia ficar em silêncio, só olhando, sabe? Ficava assim, às vezes, rindo e mandando beijo... A gente fazia muito isso. E não era porque não tinha mais o que falar, então "eu vou ficar só olhando", mas era porque o silêncio fazia parte dessa comunicação.*

S também fala da **variedade nas plataformas** utilizadas em seu relacionamento virtual com R, trazendo um pouco da história da evolução da *Internet* nos últimos anos:

*Já em 2005, era uma Internet um pouco mais evoluída. Tinha microfone, webcam... Já dava pra gente usar, tinha ficado bem melhor...*

*Ela já tinha Internet melhor que a minha, mas, à medida que a minha foi evoluindo, a gente começou a ter interações mais complexas. A câmera digital foi mais ou menos nessa época também. Então, era fácil tirar foto e mandar pro outro, né? Isso também ajudou muito.*

*Então a gente foi interagindo... E assim... Tinha até umas interações interessantes... às vezes, dos meus amigos estarem em casa e ela estar conectada naquele momento e todo mundo interagindo.*

*A gente chegou a usar Skype... Já existia, mas a gente percebeu que no MSN era melhor. Não sei por que... A gente gostava. (...) Ficava todo mundo conversando com a R enquanto ela estava no computador, como se fosse mais uma pessoa no ambiente, entendeu? Então, ela já interagia com algumas dinâmicas que aconteciam por aqui, né? Meus amigos estarem em casa e ela estar participando...*

*A gente utilizava muito a Internet. Então é isso. Foram vários recursos: fotos, texto, conversas, e-mails... O e-mail sempre foi uma coisa um pouquinho mais rebuscada, mais elaborada. A gente mandou muito poema, muito textinho e coisas assim mais elaboradas... Então, tinha foto, tinha texto, tinha e-mail, o telefone, tudo isso, né, tudo virtualmente.*



O relato de L denota suas disposições virtuais, ao dar detalhes sobre o perfil que criou na plataforma de sua preferência:

*Se você participar de um bate-papo online sobre algum post que eu coloquei, você vai perceber que ali estão as pessoas que estão comigo há muito tempo, mas que começa a chegar gente estranha e faz assim “me dá licença, eu queria muito participar desse...” (...) É aberto, né? Porque você pode abrir o seu Facebook pra qualquer pessoa ou pode fechar. O meu tá aberto. Qualquer pessoa que localizar meu nome vai me localizar, pode mandar pra mim uma mensagem, pode fazer um comentário no meu mural, entendeu? Pode participar da forma que achar.*

## 5.2 Desconstrução espacial e de convenções sociais e culturais (faixa etária, aparência, classe social etc.)

Pessoas que dificilmente se esbarrariam fisicamente umas nas outras tem possibilidades novas de encontro por meio da imagem virtual. Por serem motivados primordialmente pelas afinidades mútuas ou interesses comuns das pessoas envolvidas, os relacionamentos virtuais tendem a desprezar ou ignorar **convenções de ordem cultural e social**, que normalmente os tornariam menos prováveis. Além disso, o contexto virtual possibilita encontros que seriam também improváveis de maneira presencial, devido a **impedimentos de caráter geográfico**. Essa peculiaridade dimensional pode promover uma **sensação de proximidade** entre pessoas que se relacionam virtualmente, assim como a ampliação de seu horizonte relacional.

CB revela sua surpresa ao constatar que, mesmo tão distintas umas das outras, as pessoas podem encontrar afinidades no contexto virtual. Ela fala da inviabilidade relacional presencial diante de certas **convenções**, que deixam de ser relevantes para os relacionamentos virtuais:

*Então, eu ficava pensando “Gente, como é que pode? Duas pessoas tão diferentes terem essa afinidade?” E eu acho até que se fosse uma amizade pra acontecer no presencial, acho que isso não teria sido viável. Começou porque foi no virtual, mesmo. Houve essa possibilidade de conhecer algo além das aparências, que permitiu essa aproximação, esse encontro... Que a gente poderia dizer assim: esse encontro de almas, né, de algo que a gente buscava além dessa*



*aparência, né?*

*Descobri uma afinidade com uma prima que nunca tinha despertado interesse. Ela é dez anos mais velha do que eu e essa coisa de primo existia muito... Essa coisa de você estar sempre com os primos da mesma idade, né? E ela já era “velha” pra mim, quando eu era criança. (...) Ninguém tem muito tempo hoje em dia e é uma possibilidade de você estar mais próximo das pessoas, de muitas pessoas ao mesmo tempo, e até conhecer um pouquinho.*

Valendo-se das duas plataformas com as quais teve mais contato – o jogo de *Mahjong* e, posteriormente, o *Facebook* – C afirma ter entrado em contato com uma **diversidade** considerável de pessoas, tanto no que se refere à faixa etária como a grupos sociais distintos:

*Aí, a partir daí, eu comecei a conhecer muitas pessoas, mais ou menos na faixa dos quarenta aos oitenta [anos], que jogavam, pessoas de diversas faixas sociais, culturais.*

*Eu me reaproximei dos meus primos, no Rio. Porque eu fui visitar e tudo e “você tem Face?” Aí, a gente fica vendo as novidades, vi os filhos dos meus primos, os meus primos mais novos, que têm vinte e cinco, trinta anos, que tão tendo filhos agora. Tão engraçado! A diferença de idade entre os primos é muito grande, né? Eu tenho primo de cinquenta, sessenta, sessenta e cinco anos, com netos já, e tenho primos mais novos, com filhos pequenos.*

*No Face, eu sou amiga de duas amigas da minha tia. Elas já têm setenta e tantos. Mas elas curtem o que eu posto, eu curto o que elas postam.*

L também declara a possibilidade de abraçar a **diversidade** em seus relacionamentos virtuais e disponibilizar-se para essa alteridade, encarando-a como um bônus em sua vivência de *Internauta* convicto:

*Tem uma amiga que foi outro dia de Vitória pra São Paulo, para a gente se encontrar com os amigos de São Paulo. Ela tem uma filha que mora em São Paulo, que também já é minha amiga e, então, ela pegou um avião e “eu vou, estou indo, estou indo”.*

*E cada uma delas, se você colocar na parede, são pessoas completamente diferentes: seus anseios, o que pensam, [o que] não somos... São quinze pessoas, que não dizem que dois mais dois é igual a quatro, não. Dois mais dois é igual a cinco, a doze, a dezessete, sabe? E*





*isso é emocionante. Eu não quero que você concorde comigo em tudo, eu quero que você discorde, porque quanto mais discordância houver em relação a um assunto, mais nós aprendemos.*

Para CB, está clara a vantagem virtual da **desconstrução de espaços e convenções**, quando ela afirma com bom humor:

*E é aí que eu digo que o mundo virtual possibilitou: aonde que eu encontraria essa pessoa? Porque esse não é o meu mundo, né?*

*... Se não fosse o virtual, talvez a gente não tivesse se encontrado mesmo. Eu digo pra ela que ela ia olhar pra mim e ia falar assim “nossa, que pessoa mais sem graça!” [risos].*

A fala de C mostra a **falta de importância da dimensão espacial**, no que se refere aos relacionamentos significativos que ela estabeleceu pela *Internet*:

*Porque, às vezes, não dá pra você encontrar... Às vezes a pessoa mora em outro país. Aí não dá certo. Mas sempre é mais interessante quando tem a oportunidade de conhecer, mas no caso da L1 e da L2, conhecer ou não dá no mesmo.*

Em sua comunicação virtual com S, a entrevistada R pôde vivenciar uma **sensação de proximidade**, também pelo teor das mensagens trocadas com ele, no processo de verticalização do vínculo, mesmo à distância:

*Aí, a gente ficou trocando e-mail e tal... E muito carinhoso, sabe? Aí, eu estou sentindo muito carinho, sabe assim? Reafirmando assim a proximidade à distância, já no e-mail e no MSN.*

Para L, é possível estabelecer um vínculo virtual e ainda vencer algumas **distâncias geográficas**, em alguns casos:

*É claro que nós não nos encontramos sempre, não, mas de vez em quando, né? (...) Em São Paulo é mais fácil ter mais pessoas, porque a maioria das [quinze] pessoas mora lá.”*



A **sensação de proximidade** aparece literalmente na fala de CB, quando diz:

*É curioso, mas eu me sinto mais próxima das pessoas, né? Então, é assim: eu tenho parente em Goiânia e eu me sentia um pouco distante. Agora não. Eu sei de todo mundo.*

L também, se encanta com a **sensação de proximidade** que seus relacionamentos virtuais lhe dão, quando se diz “maravilhado” e acrescenta:

*Eu aqui sozinho, cercado de uma multidão de pessoas, de entidades virtuais.*

### 5.3 Otimização do tempo

Em decorrência da própria desnecessidade do compartilhamento do espaço físico, pelas pessoas que se relacionam virtualmente, a dimensão temporal passa a ser otimizada. Cada qual, defronte à sua tela, sem deslocar-se fisicamente, estabelece contato com o outro e mantém esse contato, podendo, inclusive, **realizar várias tarefas virtuais concomitantes**. Essa otimização tem, como consequência, propiciar **rapidez** na **verticalização** dos relacionamentos virtuais, nos casos em que haja interesse de ambas as pessoas envolvidas. **Pouco tempo real, no mundo virtual, passa a ser muito tempo.**

Pelos relatos de CB, pode-se notar a mudança dos parâmetros temporais nos relacionamentos virtuais, em comparação com os presenciais, tanto na **rapidez** quanto na facilitação da troca de mensagens virtuais:

*Não faz nem um ano que a gente se conhece. Foi muito rápido. Muito rápido, mas foi uma empatia muito grande.*

*Nós temos, atualmente, mais de duas mil mensagens trocadas, né, porque a gente troca diversas mensagens por dia, às vezes, né? Pequenas coisas e... Assim... É uma pessoa que acabou ficando muito próxima.*

*... A gente já tinha conversado muito tempo. Por telefone também. A*



*gente tinha muitas horas de muitas mensagens trocadas, escritas, muitas conversas por telefone, já estava completamente estabelecido [o vínculo].”*

Quando questionada sobre a contribuição da *Internet* na promoção dos dois relacionamentos significativos que estabeleceu com duas amigas virtuais, C fez menção ao **tempo**, à **rapidez** da *Internet*:

*Promove, justamente porque é o meio mais rápido. O tempo. E atualmente é pelo Facebook, né? Aquilo que eu te falei: você vê a foto, vê os comentários da pessoa. Aí, ela é amiga de um amigo seu ou de um parente seu.*

Para R, o **tempo** do contato virtual foi bastante produtivo. A imagem virtual lhe deu a chance de desfrutar da companhia de S por muito tempo, mesmo que a milhares de quilômetros de distância:

*Porque a gente sentia saudade, a gente queria estar o mais próximo possível, mais tempo possível. A conversa não esgotava. A gente podia ficar o dia inteiro conversando, quatro horas, cinco horas e não esgotava. Sempre tinha o que falar.*

E, quando questionada sobre a possibilidade de ter tido o mesmo tipo de relacionamento por carta, por exemplo, R destaca a vantagem do **tempo imediato**, possível na comunicação virtual, o tempo real, o agora:

*O tempo é diferente. Total. Porque “ah, eu recebi uma carta agora, mas não é ele agora. É ele há tantos dias”, quando ele escreveu. (...) Então, como é que ele está se sentindo agora? Aí, ia ser bem diferente, né? Assim, a vontade ia ser a mesma, mas o resultado ia ser diferente. A percepção... E quando você tem contato imediato com a pessoa, tipo, “como eu estou sentindo agora”, né, acho que quebra um pouco a coisa da dúvida também de “será que ele ainda está tão apaixonado? Será que ele ainda...”, sabe?*

Em suas primeiras experiências no *Facebook*, L relata seu entusiasmo pela **rapidez** das trocas virtuais:



*Aí eu cliquei lá, abriu o quadrinho (...) e eu escrevi alguma coisa pra pessoa que escreveu aquele texto lá. Não se passou [sic] cinco minutos, veio uma resposta, um comentário ao meu comentário. E eu achei bacana a rapidez da coisa.*

Quando perguntado sobre a quantidade de contatos virtuais que se tornaram seus amigos, depois de um ano de perfil no *Facebook*, essa é a resposta de L:

*Muitos, muitos. Olha, muitos que eu falo, é assim... Não é uma multidão, não é? Dá pra contar até nos dedos, mas eu devo já conhecer... Já fui conhecê-los no lugar onde moram - basicamente em São Paulo - e já vieram me conhecer aqui... e da própria cidade de Brasília, não é? Nós conhecemos por *Facebook* e moramos na mesma cidade e "vamos nos conhecer, ora, por que não?" Eu devo ter umas quinze pessoas.*

E, ao falar do ganho de tempo na comunicação virtual, L é categórico em afirmar que, em sua opinião, a **otimização do tempo**, no contexto virtual, representa uma revolução cultural:

*Então, realmente, a plataforma *Internet* e especificamente a plataforma *Facebook* te dá esse ganho de tempo. As relações se aprimoram com muito mais rapidez. Então, fatalmente, isso mudou a sociedade. Desse ponto de vista, né? Não chega a ter um peso político, um peso social efetivo, mas chega a ser uma revolução. Não há a menor dúvida.*

Quanto ao tempo, L acrescenta que:

*A vantagem do virtual é que eu tenho **tempo**: tempo pra me aproximar das pessoas e vice e versa, e elas se aproximarem de mim.*

E quando eu afirmo, durante a entrevista, que o investimento nos relacionamentos virtuais oferece menos obstáculos nos quesitos tempo e espaço, ele responde com firmeza:

*Isso! Exatamente isso! Você definiu agora, "matou a pau". É exatamente isso.*



Em contrapartida ao afastamento físico, S relata que a comunicação virtual proporcionou um aprofundamento, uma **verticalização** no relacionamento com a R:

*Mas eu acho que foi até mais intenso assim, considerando que a gente não está fazendo nada [junto], por exemplo, a gente não está assistindo um filme, não está comendo... a gente está conversando, somente. E eram três horas seguidas, quatro horas seguidas, só conversando no MSN. Então, é muita coisa! E a gente conversava sobre tudo.*

*Mas tinha isso: “nossa, a gente está conseguindo ir muito além do que um casal comum poderia ir... A gente tem muitas horas por dia, e falando sobre muita coisa”. E não só sobre outras coisas, [mas] falando sobre a gente, né? Do que a gente gosta, deixa de gostar, como a gente é, né? E como foram as decisões que a gente tomou naquele dia e o que a gente tinha de reflexão sobre aquilo, né? A gente falava muito, muito. Então, a gente, com certeza, acho que foi mais rápido nessa questão psicológica, mas com certeza atrasou na questão física e tal, na interação... E de saber se o outro sente cosquinha ou não sente. Essas coisas assim que, né, muito... (...) Se a pessoa gosta de pegar na mão assim ou assim, se gosta de abraçar, se é carinhoso, se não é carinhoso, nem isso a gente sabia a princípio. Mas tá... Aí foram cinco meses assim e o negócio foi evoluindo e a Internet foi ajudando também.*

S também menciona os ganhos desse tipo de **aprofundamento** “psicológico” da relação com R no contexto virtual:

*O que a Internet ajudou nesse caso? Acho que, primeiro, a gente aprendeu muito a ouvir um ao outro, né? Acho que ali, por texto, com mais calma, você tá sempre disposto... Esse astral... Não acontece assim de brigar, a gente não briga por texto, por conversa assim. Então, eu acho que isso ajudou muito a gente a se aprofundar muito e ir além do que normalmente os casais vão.*

#### 5.4 Disponibilidade pessoal

Trata-se da abertura de um para o outro, independentemente do que o outro pretenda com a relação. Estar presente para o outro, estar disponível para que o encontro aconteça, quando tiver de acontecer. Além disso, a imagem virtual oferece um componente de encantamento, de forma que o operador pode mergulhar toda a sua atenção no mundo virtual. Essa peculiaridade também cria condições



para que, ao relacionar-se virtualmente com outra pessoa, o operador do aparelho se disponibilize integralmente para tal atividade.

Por este relato de CB, pode-se observar uma disposição pessoal em direção ao outro, no sentido de reconhecer no outro um *Tu* e fazer-se *Tu* para o outro, o que ela demonstra ser totalmente viável no contato virtual:

*E os vínculos que eu formo costumam ser vínculos fortes. E, assim, foi uma pessoa que foi possível; foi possível por tudo que ela é como ser humano.*

*Eu diria que essa outra veio ocupar esse lugar também de amiga irmã. É fácil. Eu acho que as amizades, a gente... É como diz Vinícius de Moraes... A gente não faz, a gente reconhece, né? Então, eu acho que foi só isso, né? Não foi "fazer uma amizade", foi reconhecer ali, né, uma pessoa.*

*Porque, o que é que acontece na vida virtual? O que é dito, veja, o que é dito aqui, né?... Você olhando no meu rosto, vendo a minha linguagem corporal e tudo, você pode fazer uma leitura equivocada; imagina o que é dito ali, em palavras, né? Então, eu acho que isso foi interessante, porque entre eu e essa amiga, né, a gente pôde, desde o início, esclarecer algumas coisas e a gente sabia que esse mal-entendido poderia acontecer, né? Então, a gente sempre deixou... Ia, falava e dizia novamente, né...*

*O curso de Psicologia já começou a trazer um outro olhar pra mim, né? Muito provavelmente, eu nem teria Facebook se estivesse só na minha profissão. Ou, se eu estivesse, talvez uma pessoa como ela nunca despertaria [sic] interesse em mim."*

Em sua fala, L deixa claro acreditar que a **disponibilidade** seja inerente às pessoas envolvidas em seus relacionamentos virtuais:

*Eu fui jornalista por mais de 40 anos, então eu tenho uma disponibilidade pra conhecer pessoas, pra gostar de pessoas, muito grande, não é? E convivi com todo tipo de gente e de personalidade que você possa imaginar e não perdi o interesse em pessoas.*

*E é como se fossem amigos de longos e longos anos, e são recentes, são recentíssimos amigos. A sensação que nós temos, não é? A gente bate o olho, sabe, e é um abraço emocionado, assim, real, concreto, sincero, sem firulas, sabe? Não tem mais essas firulas, né?*

*São pessoas de alma aberta, sabe? De coração aberto em relação ao próximo. São pessoas que se preocupam... Uma dessas amigas, por exemplo, há vinte anos ela cuida de uma família que ela nunca viu,*



*que mora numa ilha, lá nos cafundó não sei das quantas.*

Da mesma forma, S transpareceu sua **disponibilidade** para com R e afirma que essa característica se mostra essencial para a manutenção de um relacionamento à distância:

*Ela sempre falou que sonhava com um homem sensível, um homem que se abrisse, que estivesse disponível, né? Tudo isso. E ela foi percebendo que eu sempre estava disponível. Então, teve essa coisa assim, mais forte. A gente vê muitos casais tentando um relacionamento à distância, né? E muitos deles vêm consultar a gente. “E aí? Como foi? O que vocês faziam? Por que é que dava certo?” E a gente percebe, assim, umas diferenças. A gente queria, sentia vontade de se falar todo dia. A gente queria: não tinha como não se falar. Pelo menos cinco minutinhos assim, sabe? “Aí, o dia foi bom, foi ruim, não sei o quê e tal, vamos dormir, boa noite, tal...” Tinha que ter! Já os nossos outros amigos, que a gente vê que namoram à distância, eles não tem essa urgência. Então, vão deixando de lado. (...) Passa uns dias e tal e aí “Eita, é mesmo! Tenho que falar com o fulano, né?” Tipo: “Ele é meu namorado...” Aí vai lá e conversa. Então, começa a criar uma relação mais distante mesmo, né, de você achar que PRECISA falar, não que você QUER falar, mas porque você TEM que falar. Então, assim, a gente já tinha essa urgência de querer trocar tudo, todas as... Contar como foi o dia, tudo. Então, agora, por que a gente se abriu tanto assim, que era a sua pergunta inicial, por que a gente estava tão disponível... [encolher de ombros, como quem não sabe]*

Ao mesmo tempo, S comenta que, ao conectar-se virtualmente, o operador do aparelho tende a fechar seu foco para o que acontece ali na tela. No final deste trecho, ele até mesmo afirma acreditar que a ferramenta tenha favorecido a disponibilidade para esse relacionamento:

*Você não tá num restaurante, preocupado com outras coisas que tão acontecendo à sua volta: com dinheiro, com garçom, com a comida, com qualidade de serviço, com não sei o quê..., pessoas passando... Inclusive, às vezes, você está fazendo até outras coisas, né, mas você tá focado ali. Tipo, às vezes, a gente trazia até o jantar ali pra frente do computador e ficava comendo, enquanto estava conversando. Então, ficava direto assim. E a relação se aprofundou bastante. Acho que era latente. Poderia acontecer de um jeito ou de outro, mas aconteceu por causa da Internet, sim.”*



## 5.5 Reciprocidade

Para que o relacionamento virtual se torne significativo, as duas pessoas envolvidas precisam estar afinadas, sintonizadas na mesma intencionalidade, conectadas não só virtual, mas intencionalmente.

Para CB, a **reciprocidade** configura-se como requisito para que os vínculos sejam considerados significativos:

*Mas, amigos que são amigos, são amigos pra quem eu posso ligar de madrugada, que podem contar comigo a qualquer momento. Se um deles chegar aqui e disser: “C., isso, isso...”, eu vou dizer pra você “Denise, a gente vai precisar interromper essa entrevista agora”, né? Então, é isso.*

*E eu acho que esse tipo de encontro que eu procuro só pode se dar com quem faz o mesmo, né? Então... Com quem é assim também, né?*

R acredita que a **reciprocidade** estabelecida em sua relação com S tenha acontecido num nível ainda mais profundo:

*Mas quando o S falava essas coisas, eu estava lá também, nesse sentimento. Eu sentia aquilo... É como se você reconhecesse uma coisa. Não é só físico, entendeu? É como se você identificasse um par no outro. Uma conexão muito forte, muito além daquilo que você está vivendo.*

*Têve outras coisinhas, assim, que ele “pescava”, sabe? Parecia que tinha uma conexão mais profunda, entendeu? E isso continuou na Internet (...)*

*E quando, por exemplo, às vezes, eu tinha uma ideia que eu não sabia muito [como] pontuar. Aí, ele falava “não, é por causa disso, sabe? É isso.” Ele falava alguma coisa que ele acreditava e eu me identificava muito com aquilo, mesmo não tendo pensado naquilo racionalmente, mas as ideias se conectavam. Quando ele falava alguma coisa eu pensava “cara, é isso!”, sabe? É como se tivesse reacendendo uma memória mesmo, entendeu? É tipo isso.”*

## 5.6 Autenticidade

Os relacionamentos virtuais significativos dependem da disposição das





peessoas em mostrarem-se no contexto virtual da maneira como realmente são na vida cotidiana real, não só no perfil, mas nos comentários que fazem e nos conteúdos que postam.

CB é bastante clara sobre a relevância do quesito autenticidade, tanto na criação do perfil como durante a comunicação virtual propriamente dita:

*... Eu criei um perfil lá no Facebook, que é um perfil verdadeiro. E eu acho que isso é o que eu mais valorizo na amizade: é poder falar o que sente.*

Para C, essa **autenticidade** está em consonância com algumas características pessoais:

*... Depende do tipo de pessoa que você é. Se você for uma pessoa autêntica, segura de si, feliz consigo mesma, você, no mundo virtual, vai ser a mesma coisa que você é na realidade.*

R revela sua percepção sobre a **autenticidade** de S:

*E ele sempre é muito sincero, muito aberto. Isso até me impressionou assim, me impactou.*

E essa percepção fica confirmada na fala do próprio S:

*A gente, de certa forma, construía uma imagem do outro, porque essa saudade cria uma ansiedade, né, cria uma imagem, assim..., às vezes até, que pode não ser verdadeira, da outra pessoa, né? Mas, no nosso caso, deu certo assim, a gente, quando se encontrava, realmente era aquilo mesmo que a gente imaginava. Até melhor, eu acho.*

L fala, também, sobre o papel da **autenticidade** na evolução de contatos virtuais para relacionamentos significativos:

*Então, é outra coisa que eu acho muito importante no Facebook também: você ser autêntico. A autenticidade, ou seja, o que você é na*



*sua vida real, se você transpõe isso para o Facebook, as pessoas sabem que é verdadeiro. Você não está se escondendo sob uma máscara, sob uma persona. Você não construiu uma persona exclusivamente para aparecer no Facebook. Você tá ali de corpo e alma abertos.*

## 5.7 Estágios ou níveis relacionais

Os relacionamentos virtuais costumam evoluir em **fases**, embora sem uma sequência fixa ou definida, dependendo de sua modalidade e da forma como tenham sido iniciados. Alguns relacionamentos virtuais dão continuidade a relacionamentos presenciais anteriores ou têm o papel de resgatar relacionamentos remotos, tanto no tempo como no espaço. No entanto, os relacionamentos estabelecidos entre internautas adultos no meio virtual tendem a começar pela sondagem, passando pela identificação de afinidades comuns e, havendo disponibilidade, seguem no sentido da verticalização do conhecimento do outro, podendo culminar na aproximação entre as pessoas e, a depender delas mesmas, no evento do encontro.

No caso de L, ele acredita que os relacionamentos significativos estabelecidos virtualmente passam, em seguida, pelo **estágio** do contato telefônico, para depois culminar no encontro presencial e, em seguida, continuar a ser cultivado nas plataformas virtuais:

*E existem pessoas que, à medida que o tempo vai passando, a relação no Facebook vai se ampliando, não é, a confiança começa a crescer e você começa a trocar telefone... É um passo importantíssimo, porque a voz diz tudo. Na hora que você tem a confiança de trocar telefones com alguém que você nunca viu na sua vida, criando uma relação virtual, e parte para o telefone, é um patamar a mais no grau de confiança que você atinge e que pode ser absolutamente maravilhoso...*

*Todos os encontros tiveram, realmente, essa... [sequência]: o telefonema como o novo patamar, pra subir um novo patamar, e o encontro presencial, logo em seguida.*

L acredita que seus relacionamentos, embora já significativos, possam ainda evoluir para **estágios** de maior intensidade:



*E essas amizades que eu tenho no Facebook, têm apenas um ano e meio, e a partir de uma plataforma que não me permitiu, ainda, chegar a essa intensidade.*

No caso de S e R, primeiro souberam um do outro pela *Internet*, depois houve o encontro na condição presencial e, em seguida, a relação foi cultivada virtualmente. A conexão virtual teve o papel de verticalizar o conhecimento de um sobre o outro e superar a distância física, pela sensação de proximidade psicológica que ambos alcançaram.

No entendimento de S, os **estágios relacionais**, tanto no contexto virtual como no presencial, podem ser classificados em três grandes grupos: o **nível** físico, determinado com base nas necessidades fisiológicas, que seria o mais básico; o **nível** psicológico, que compreenderia o desenvolvimento, o crescimento pessoal de cada um, junto com as afinidades entre as duas pessoas; e um **nível** mais complexo e decisivo para o sucesso da relação:

*A gente construiu a base da nossa relação nesse momento, fisicamente [presencialmente].*

*Acho que são níveis, assim. O nível mais simples e mais imediato é o físico. Esse você pode se encontrar com muita gente. (...) É o que acontece primeiro, o básico. Eu acho que pode acontecer com muita gente. E se você está ligado somente a esse aspecto físico, é uma relação que facilmente se corrompe, se perde. É tipo gostar de chocolate... Você adora chocolate, mas você vai comer esse chocolate por uma semana seguida e aí você não aguenta mais chocolate. É por aí. Que... a relação só está vinculada ao físico, ao prazer físico, que é uma pessoa ficando com outra numa boate. Pode ser o máximo e pode durar três semanas, vamos supor um mês, mas não vai mais, né? Não tem por que. Próximo nível: nível psicológico. De gostar, de ter coisas em comum, de você começar a se encontrar em outros níveis. A gente se encontrou nisso, de música que a gente gostava. Aí a gente ia conversando sobre as músicas e ficava impressionado como o outro gostava também, né? É... E alguns prazeres da vida mesmo... Eu gosto muito de comer num restaurante tal, eu gosto de não sei o quê... E aí você vai começando a perceber esse nível do gostar e não gostar, as afinidades, todo esse nível psicológico. E acho que esse nível é onde a maioria das pessoas está, né, de se encontrar... Mas, no fundo, o problema disso é que, depois de muito tempo, isso também muda. (...) Dez anos atrás, a gente gostava de determinadas coisas. Hoje, a gente gosta de coisas totalmente diferentes. E, se aquela pessoa não caminhou junto com você, você começa a se distanciar dela. E acho que o nível, então,*



*terceiro, que seria o mais profundo, é essa coisa do caminhar junto. Se você está vinculado a uma pessoa que caminha para a mesma direção que você, que deseja as mesmas coisas de vida, a longo prazo, aí, você tá sempre caminhando junto. Porque a parte física vai se perdendo, né? A gente sabe que, naturalmente, o corpo vai se perdendo e inclusive vai perdendo o tesão...*

Interessante que, para S, os aspectos psicológicos, embora importantes, não bastam para garantir o sucesso da relação, porque têm caráter dinâmico e podem transformar-se ao longo do tempo, devido às vivências, tanto pessoais como relacionais:

*Aí, entram os aspectos psicológicos. Esses são um pouco mais duradouros, mas também eles mudam muito, eles são muito dinâmicos.*

Ao contrário da menor influência atribuída aos aspectos psicológicos, o “caminhar juntos”, para S, representa um **nível relacional** mais complexo e menos suscetível à instabilidade:

*E aí, tem esse aspecto mais elevado, que seria o do caminhar juntos. Se aquele casal está caminhando junto e está sempre crescendo pro mesmo caminho, por mais que o físico mude – que vai mudar – e por mais que o psicológico mude – que também vai mudar –, esse aspecto mais elevado da psique, assim, né, essa coisa mais duradoura, sabe, mais longa, eu acho que aí sim que o casal se encontra e fica muito tempo juntos, né? Às vezes uma vida inteira.*



Ao refletir sobre as condições da relação Eu-Tu, de que nos fala Buber (2006), pode-se afirmar que, na relação com a imagem virtual, o operador do aparelho também comparece em sua presença, entrega e inteireza diante da tela. Para aquele que opera o aparelho, existe também um sentido de aqui e agora, uma disponibilidade que “apaga” o mundo real em volta de si mesmo, ou seja, ocorrem as condições muito similares às necessárias para o estabelecimento da relação dialógica. Portanto, a imagem virtual também consegue tal façanha, embora essa conexão possa realizar-se tão somente com o aparelho, num *vídeogame*, por exemplo, e não com outra pessoa do outro lado da imagem virtual.

Isso sugere que a conectividade virtual, por si só, não pode ser considerada obstáculo para as relações dialógicas. Pelo contrário, pode-se dizer que esse tipo de conexão oferece algumas condições importantes para que ocorram relações dialógicas, ainda que, para isso, a pessoa, na figura do operador, dependa da mediação do aparelho produtor da imagem técnica.

Assim como ocorre na vida real, nos contatos interpessoais presenciais, o contexto virtual oferece oportunidade para que as pessoas se relacionem de maneira instrumental ou de forma dialógica. Portanto, pelos relatos estudados, não se pode afirmar que a *Internet* possibilite novas modalidades de relação, mas sim outros meios, novos recursos e caminhos para que as relações aconteçam.

Por isso, algumas das categorias levantadas com base nos depoimentos coletados demonstram que os relacionamentos virtuais adquirem características peculiares ao contexto virtual. Embora não tenham sido identificadas novas modalidades relacionais, notaram-se novas maneiras de vivenciar as modalidades já definidas por Buber (2006). Essas novas possibilidades apresentam-se caracterizadas especialmente pela diferenciação de tempo e espaço, em relação às



demais vivências relacionais.

Valendo-se de sua acessibilidade cada vez mais abrangente, a imagem virtual e a tecnologia da informação constituem ferramentas promotoras de uma otimização temporal contundente e inovadora para as relações, tanto dialógicas como instrumentais. Dessa forma, a desconstrução espacial propiciada por essas novas tecnologias favorece o estabelecimento e a manutenção dos mais distintos relacionamentos virtuais instrumentais e, por meio de sondagens, pode promover a disponibilidade pessoal para que encontros autênticos aconteçam – mesmo aqueles considerados improváveis no contexto presencial.

Entretanto, proferir a palavra fundante *Eu-Tu* no contexto virtual parece passar por alguns passos preliminares próprios a essa dimensão. A começar pela sondagem, a pessoa virtualmente conectada a outras pessoas seleciona potenciais amigos, pela identificação de afinidades, usando diversas plataformas virtuais de seu domínio. A ênfase nas afinidades e interesses comuns exerce a função de quebrar resistências, mitigando ou mesmo eliminando barreiras culturais e sociais. Aliada a esses fatores, a falta de necessidade de encontros presenciais e a possibilidade de comunicação em tempo real promove condições favoráveis à ocorrência da relação dialógica, que acontecerá a depender da intencionalidade das pessoas defronte à tela, de sua autenticidade, de sua disponibilidade para o outro e da reciprocidade nos relacionamentos virtuais.

Assim, esses meandros virtuais fazem com que a relação se desenvolva em estágios que podem culminar tanto na *exclusão virtual* do outro, sem maiores prejuízos, como na disposição para o encontro autêntico com esse outro.

Dessa forma, conclui-se que as ferramentas virtuais, além de não representarem um obstáculo para o estabelecimento de relações dialógicas, podem ainda favorecer a sua ocorrência, desde que haja, é claro, a intencionalidade das pessoas envolvidas, nesse sentido. Ou seja, para que a relação dialógica aconteça no meio virtual, não bastam todas as facilidades que essas ferramentas possam oferecer. É preciso que as duas pessoas envolvidas no contato virtual, assim como no presencial, estejam presentes uma para a outra, disponibilizando-se para o encontro autêntico, na reciprocidade da mesma intenção no outro.



Para a entrevistada R, embora tenha sido de grande relevância para a comunicação com S e a evolução do relacionamento com ele, a *Internet* ainda continua sendo uma ferramenta. Ela afirma que, se em vez da *Internet*, tivessem se relacionado por carta, mesmo sem o tempo real da interatividade imediata, o relacionamento entre eles teria tido a mesma intensidade, pois, para ela, o que qualifica a relação não é a ferramenta, e sim a intencionalidade das pessoas nela engajadas.

Então, da mesma forma como não é o meio utilizado para a consolidação da inter-relação humana que define sua modalidade, também não é a ferramenta que a bloqueia ou impede que ocorra. Desde que haja disponibilidade, disposição e presença entre duas pessoas, o encontro autêntico da relação dialógica é passível de acontecer, seja qual for o meio utilizado. Ou seja, a *Internet* não impede e ainda pode facilitar a relação dialógica, mas nunca será determinante para que ela aconteça.

A imagem virtual, bem como a tecnologia da informação dela decorrente, podem ser consideradas não só ferramentas, mas, em alguns casos, meios facilitadores para as relações significativas. Isso porque, no contexto virtual, o tempo e o espaço já não se configuram como dimensões limitadoras para a vivência de quaisquer relações humanas, inclusive as dialógicas. Além disso, os relacionamentos virtuais que têm a chance de primeiro evoluir no campo psicológico, de maneira verticalizada, no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o outro, podem criar condições favoráveis à culminação de eventuais relações dialógicas, seja no contexto virtual ou em contatos presenciais *a posteriori*.

Este estudo limitou-se a um recorte sobre a utilização da *Internet*, no que tange ao potencial relacional da pessoa que opera o aparelho. No entanto, o estudo dessa tecnologia precisa ser aprofundado, não só nessa direção, como também no sentido inverso, quando o seu uso não se destina ao contato com outras pessoas, como é o caso de alguns jogos virtuais, por exemplo.

As mesmas condições de inteireza, presença e entrega, inerentes à conectividade virtual na figura do operador, ao serem direcionadas para o estabelecimento estrito de relações virtuais do tipo *Eu-Isso*, podem funcionar como um efeito potencializador do exílio relacional. Isto é, quando a mobilização de



entrega do operador, na inteireza de sua pessoa, mergulhada no tempo e no espaço virtuais, é direcionada ao próprio aparelho e não a uma outra pessoa do outro lado da tela, ele pode estar fadado a isolar-se socialmente. Conclui-se, portanto, que a disposição motivadora da conexão virtual, assim como a disponibilidade e intencionalidade do operador são fatores preponderantes para a probabilidade de ocorrência da relação dialógica nesse contexto.

Assim, os caminhos trilhados pela sociedade humana no contexto virtual dependerão da intencionalidade do operador e do programador. E, enquanto o homem priorizar sua vocação relacional na utilização da *Internet*, esta pode funcionar como uma ferramenta valiosa na evolução e no desenvolvimento humanos e na preservação do homem como um ser de relação.

Os relacionamentos virtuais estudados nesse trabalho foram considerados significativos por sua alternância entre relações instrumentais e dialógicas, ou seja, mesmo tendo características instrumentais a princípio, parecem ter culminado em eventuais relações dialógicas. Entretanto, é preciso aprofundar o estudo sobre os relacionamentos virtuais, no sentido de discutir a compatibilidade entre as probabilidades criadas pela programação do aparelho e a casualidade própria da relação dialógica, fazendo-se necessária uma problematização sobre esse caráter programado dos relacionamentos virtuais e a ocorrência de relações dialógicas nesse meio.



## REFERÊNCIAS

BARTHOLO, R. S. **Você e Eu**: Martin Buber, presença palavra. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2006.

DTAC. Total Access Communication Public Company Limited. DTAC feel good. **Disconnect to connect**. Vídeo [online]. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U9xyW9iXwcA>>. Acesso em: 2 jun. 2011.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade, Coimbra: Annablume, 2008

MACHADO, A. A. **Coffee Shop in New York City**. 2012. 1 Fotografia.

OLIVEIRA, N. A História das Redes Sociais. **O POVO online**. 2012. Disponível em <<http://www.natanaeloliveira.com.br/a-historia-das-redes-sociais/>>. Acesso em: 27 jan. 2012.